

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Política Indígena
Data: 09/08/92 Pg.: 491

Choque Norte-Sul chega às tabas e divide os índios

EBORAH BERLINCK
Correspondente

GENEBRA — Ninguém, nem mesmo os governos mais antipáticos à causa, ousa levantar a voz contra a idéia de se preparar uma declaração universal dos direitos do índio. Este seria um documento das Nações Unidas que, espera-se, terá a força moral e política da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Mas até os índios se desentenderam quando a discussão esbarrou no ponto central: o direito à autodeterminação, ou seja, um conceito internacional que, em teoria, permitiria que os índios ianomâmis, por exemplo, um dia chegassem à independência política e criassem outra nação.

Essa bandeira levantada por alguns líderes mikmaq, uma das maiores comunidades indígenas do Canadá, bateu de frente com a oposição de líderes indígenas brasileiros, reproduzindo o mesmo choque cultural e as diferenças econômicas que hoje dividem governos do Norte (países ricos) e do Sul (países pobres). Há duas semanas, Eliane Potiguara, que representava 16 aldeias potiguaras da Paraíba, queixava-se nos bastidores da ONU de uma discussão que teve com um líder de outra população indígena canadense, os crees.

Com uma população de 70 mil índios, os crees protestaram contra os índios brasileiros por acharem que não estavam lutando como eles por autodeterminação. A briga surge quando se fala em prioridade. E é aí que a diferença entre os índios do Norte e do Sul fica óbvia. Já num processo avançado de autonomia, os crees criaram uma companhia aérea própria com o dinheiro que receberam do governo canadense em royalties pela

exploração de petróleo nas suas terras. Mas os potiguara, por exemplo, ainda brigam na Justiça por um cemitério na Paraíba, onde estão enterrados seus ancestrais, e que ficou de fora na demarcação das terras.

— A gente fica se sentindo uma pulga. Não temos direitos nem ao rio que passa pela nossa comunidade, e os crees querem que nos transformemos no Estado da Paraíba? Eles são ricos e nós ainda estamos lutando pelo mínimo de sobrevivência. Além disso, não queremos virar nação. Afinal, somos brasileiros — disse Eliane.

Estudante universitário de Direito Internacional, Charles Júnior Bernard, o "embaixador" dos mikmaq, diz que essa reação dos brasileiros nada mais é do que um exemplo de "lavagem cerebral" que os governos alimentam nos índios do mundo inteiro. E a tutela do Estado, a idéia de que todos pertencem à mesma nação. Ele afirma:

— Foi uma grande mentira, um truque nesse jogo de conquista que dividiu os índios. O que estamos tentando explicar a eles é que o fato de eles se sentirem vulneráveis não é motivo para não lutar por autodeterminação. Nossos índios estão drogados, bebendo, perderam seus espíritos — diz.

Os índios brasileiros podem se sentir brasileiros, mas Charles não pensa duas vezes:

— Não sou canadense. Se fosse, seria rico como as pessoas do Canadá.

Wilson Teixeira Soares, chefe de gabinete da presidência da FUNAI, reage:

— Imagina, tem índio brasileiro que sequer tem terra, e falam em criar estados, em se separar do Brasil. Os índios brasileiros não têm condições de virar nações. A tutela do estado é necessária. Quem vai protegê-los?



Índios nórdicos na Rio-92: ricos como os do Canadá, que têm até companhia aérea e querem independência